

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara
DATA: 01/06/1972 AUTOR: Walmir Ayala
TÍTULO: Resumos de Arte - Resumo e ^{dos Resumos} Resumo de ^{atividade}
ASSUNTO: 10 anos de Resumo com nomes dos arti
fas de cada um dos Resumos - Ivan; III, IV, VII e X

Walmir Ayala

RESUMOS DE ARTE

PROMOÇÃO
DA ASSESSORIA
DE RELAÇÕES PÚBLICAS
DO JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 1.º de junho de 1972

Instituto de arte contemporânea



V. de Rego-
Monteiro

VICENTE DO REGO MONTEIRO
OBRA DE 1924



Vanda Pimentel

RESUMO DOS RESUMOS JB

CLARIVAL DO PRADO VALLADARES

Há 10 anos o JORNAL DO BRASIL organizou e promoveu uma das mais consequentes exposições periódicas de artes plásticas que se têm feito no país.

Seu sucesso, talvez seja melhor dizer — sua consequência cultural — decorreu do sistema de seleção e de indicação dos participantes, escolhidos por críticos e conhecedores, na base das exposições acontecidas no correr do ano concluso, nas galerias e museus do Rio de Janeiro. Isto quer dizer, de saída, nenhuma possibilidade de protecionismo, nem oficioso e nem sectário, de tal maneira se achava diluída a fonte de indicação e, de outro modo, tão farto era o cardápio.

Nenhum expositor conseguiu fazer cabala prévia entre os selecionadores, a não ser sob o risco e preço da galhofa. Enquanto os Resumos JB se realizavam, com disciplina e probidade, obtendo crédito da opinião e da participação crítica, do outro lado se somavam os pequenos escândalos, as denúncias e a suspensão do óbvio, fazendo a incontinência corrosão que tanto mini-

mizou os salões oficiais e as próprias bienais.

Ninguém desconhece os numerosos artistas de São Paulo e de outros centros que se preocuparam em expor no Rio de Janeiro.

Rememorar os 10 salões do Resumo JB corresponde, praticamente, a uma catalogação do que o país teve de mais representativo neste decênio em termos de *conteúdo poraneidade*, e aos movimentos estéticos, e em nível de respeitabilidade crítica. Se a XI Bienal de São Paulo, de setembro de 1971, tivesse feito a retrospectiva brasileira através de 20 nomes tirados dos Resumos JB, obteriam certamente melhor resultado que aquele mostruário defasado e irregular de seus premiados, nesses 20 anos, e de seus convidados especiais.

Pode-se, entretanto, duvidar do discernimento dos selecionadores de Resumo JB em revelar novos talentos. Mostraram mais capacidade de consagrar. São raros — quase inexistentes — exemplos tirados do qua-



Joaquim Tenreiro — um pioneiro do mobiliário moderno no Brasil — IX Resumo (1971)

se anonimato, graças aos Resumos JB. Consciente disso o JORNAL DO BRASIL criou, em boa hora, o Salão de Verão, exclusivamente para valores novos, não premiados em qualquer *certame nacional ou internacional*. Minha experiência pessoal como crítico participante em todo o curso desta iniciativa, posta em confronto com a experiência de orientador da extinta Sala Osvaldo Goeldi, de *Cadernos Brasileiros*, que viveu sete anos e realizou 130 mostras de artistas até então não consagrados, permite lembrar que o expositor recém-lançado, quando desprovido do suporte social e promocional, jamais foi reconhecido em sua primeira aparição. A importância e a clientela de uma galeria sempre foram fatores favoráveis na escolha. Basta lembrar o exemplo de Antônio Maia, hoje mundialmente afirmado, que necessitou de três exposições na modesta Sala Goeldi, até obter galeria de peso para depois, então, ter presença no Resumo JB. Com Tomoshige Kusuno e Toyota quase aconteceu o mesmo. Ainda hoje desconfio

que a modéstia, a quase humildade da primeira mostra teria prejudicado o aplauso merecido de Bin Kondo, Kaneko, Henrique Fuhr, Vera Barcelos, Eduardo Cruz, José Barbosa, e mais ainda o descaço que se deu à obra excepcional de Flávio Império (composições de objetos e colagens com restos do incêndio do Teatro Oficina de São Paulo) e do surpreendente desenho de um jovem estudante de arquitetura (FAU-SP) chamado Leandro Keating. Resta, portanto, considerar-se uma certa falência no sistema selecionador mas, quando se confronta todo o percurso da iniciativa com as competições dos salões oficiais e bienais, ainda se comprova franca superioridade.

Não me disponho a apontar os fatores que asseguraram o equilíbrio e o sucesso do Resumo JB, porém esta iniciativa não teria ocorrido se não existisse, como instrumento fundamental para o exercício do empreendimento, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O fato de o Resumo JB ter sido promoção de um jornal, mostra de logo a isenção e

a liberalidade de princípios do MAM, como entidade expositora. Mostra, também, o caráter próprio dos movimentos culturais que sempre dependeram, em qualquer parte do mundo, de um órgão promotor e de um centro organizador. Sob este aspecto foi acontecimento pioneiro no Brasil, tornando realizáveis as várias tentativas antecedentes de ensaios locais bem intencionados, porém sempre carentes de campo de pouso.

São Paulo tem sido o endereço de maior número dessas experiências, acontecidas pela metade ou esvaziadas precocemente, pelo menos até há cerca de três anos, quando se verificou a reabilitação e a conquista da sede definitiva para o Museu de Arte Moderna de São Paulo, com a brilhante organização anual do Panorama Brasileiro. Uma outra conduta que teria favorecido Resumo JB foi o não comprometimento dos selecionadores com relação aos estilos estacionados ou, do lado oposto, com os impulsos efêmeros de um vanguardismo duvidoso. Admito, entre os diversos cri-

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Guarabara
DATA: 01/06/1972 AUTOR: Walmir Ayala
TÍTULO: Resumos de Arte - Resumo e Clarival de Resumos de Arte
ASSUNTO: 10 anos de Resumo com governos dos artistas de cada um dos Resumos - I, II, III, IV, V, VI, VII e X

Walmir Ayala

ticos integrantes do Resumo JB, espantosa divergência de opinião, de consciência, de formação, etc. Também reconhecemos total desigualdade quanto à isenção, ou quanto ao engajamento a grupos, escolas, centros ou tendências, mas nenhuma dessas casualidades foi bastante para comprometer o equilíbrio dos resultados. Estes sempre expressaram e refletiram o mais representativo das artes plásticas através das manifestações em galerias comerciais, entidades culturais e museus. E, em relação ao artista, soube conferir valorização profissional, o que é mais importante no jogo compreensível e necessário entre promoção e mercado.

Nos Resumos JB havia duas fontes generosas que se encarregaram da promoção: o JORNAL DO BRASIL e o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na outra margem ficavam a galeria e o próprio artista encarregados do mercado.

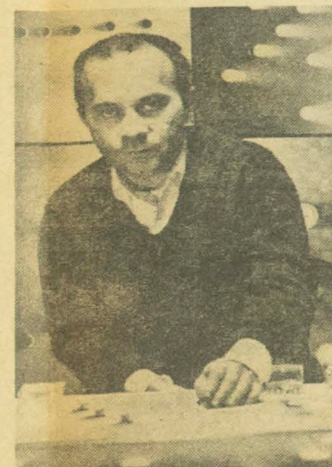
Compreendendo-se a divergência, cada vez maior, entre o apelo cultural e o apelo de consumo, há de se entender, também, a necessidade que surgiu, após 10 anos de experiência, de promover uma ampliação do sentido do Resumo, estudando projetos de grandes exposições anuais, sob o mesmo patrocínio e no mesmo endereço, visando novas categorias e capítulos, bem de acordo com a atualidade estética em seu confronto à civilização de consumo. Certamente não se trata de categorias esca-



Antônio Maia — o ex-voto e a nova figuração — VIII Resumo (1970)



Tomie Ohtake — mestre do abstracionismo — VIII Resumo (1970)



Ivã Freitas — o intérprete da eletrônica — VII Resumo (1969)



Krajcberg

O pior dos enganos é pensar que há certo compromisso lírico entre a arte e o passado, entre a criatividade e o *já-era*, capaz de impedir o artista de participar da civilização atuante de seus dias. A arte de hoje se faz no objeto necessário ao amanhã. Há de ser proveitoso ao público do MAM ver um futuro Resumo JB cuidando de cenografia para interiores, ou de vitrismo, ou de publicidade gráfica, métodos de reprografia, ou de semiótica de trânsito, ou de paisagem urbano, enfim, de qualquer que seja o tema da categoria, a espécie de trabalho e os materiais e processos usados para o consumo utilitário e estético do porvir.

Diante da reformulação do Resumo do JORNAL DO BRASIL, em seu compromisso original, saúdo os futuros Resumos, destinados a conduzir nossos artistas ao encontro de um consumo inequívoco.

Não se veja nisso uma exprovação da arte que se fez ontem, coerentemente para a sociedade de então, e que em nome do *ontem* ainda se faz hoje. As locuções de arte moderna, *Modernismo no Brasil*, *Semana de Arte Moderna*, etc. já estão a encargo dos antiquários, dos especuladores de preço, dos sedentes de encômios e das efemérides.

Minha noção de dever é não deixar o jovem desorientar-se na imitação do passado. Quando exijo do jovem o conhecimento do passado, é exatamente para libertar-se dele. A grandeza das datas repousa nelas, enquanto a do futuro se acha nas mãos deles.

Por causa disso sinto muita pena do moço que presume estar fazendo coisa nova, que pensa salvar o mundo, quando está somente repetindo, por conta de sua *destininação fragmentária*, as inovações defuntas.

Nada é mais juto que pôr o homem defronte da realidade de seus dias, o artista no exato conhecimento do seu mercado de trabalho e o crítico na correta posição de sua responsabilidade social.

Tanto o JORNAL DO BRASIL como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro têm, além desses compromissos com o tempo, um outro de igual peso e valor. Refiro-me ao empenho que hoje cabe a todos nós de defender com garra a hegemonia de dois séculos do Rio de Janeiro, como centro cultural do país.

Resumo JB e MAM do Rio têm sido, e serão sempre, dois excelentes instrumentos nesta empresa.

Ontem promovendo artistas, mas de hoje em diante movendo o tempo ao nosso encontro.



Di Cavalcanti

OS 50 anos de Arte Moderna estão documentados nas 10 edições hoje cumpridas do Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL. Inaugurado em 1963, sob a coordenação do crítico Harry Laus, o Resumo vem selecionando anualmente, através do voto da crítica especializada, as exposições mais importantes inauguradas no Rio de Janeiro. Esta seleção vem documentando o processo de autonomia da nossa arte, sua conscientização nacional, sua libertação paulatina dos cacocetes internacionais; sua fatal participação num panorama de contemporaneidade.

Desde as já clássicas contribuições de Segall, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro às mais recentes manifestações de vanguarda, o Resumo de Arte cumpriu uma extensa rota histórica, na exemplificação de períodos, fases e escolas, mais significativos, de nosso processo criador. A par desta linhagem de historicidade, avultam as individualidades: a paisagem e a paixão mística da pintura de Marcier; a imaterialidade da pintura sobre temas da natureza, de Carlos Scliar; o desenho de Augusto Rodrigues, sobretudo fundador do grande movimento que tem sua base na Escolinha de Arte do Brasil; o expres-



Maria Bonomi

sionismo fantástico, entre a paisagem e a máquina, de Franck Schaefer; o despojamento da paisagem brasileira, filtrada por Géza Heller; a nova figuração de João Gouaglia; o altíssimo desenho simbólico de Darcílio Lima; a maioridade da nossa cenografia no trabalho de Hélio Eichbauer; o mundo mineiro sonhado por Guignard; a marinha inventada por Pancetti; o subconsciente iluminado pelo surrealismo de Ismael Néri.

Na linha do informalismo, o Resumo de Arte reuniu uma equipe quase completa: do grupo nipo-paulista o espontâneo Manabu Mabe e a racional Tomie Ohtake; o abstracionismo lírico de Antônio Bandeira; o gestual apaixonado de Iberê Camargo; Krajeberg e suas referências da paisagem primitiva; Fayga Ostrower num refinamento oriental de xilogravuras imponderáveis; Maria Leontina transfigurando as formas nomeadas, para a liberdade num âmbito de pura sensação de cor e espaço; Ivã Freitas, com suas pesquisas de uma abstração que inclui o tecnológico, a eletrônica, as profundezas cosmogônicas. Ainda: Samson Flexor, Flávio Shiro, Iolanda Mohalyi, Benjamim Silva e Sérgio de Camargo.

Na pintura de inspiração ingênua, o Resumo documentou os nada ingênuos Djanira e Raimundo de Oliveira. Raízes do espontâneo que evoluíram para um domínio técnico dos temas populares em Djanira, e para a elaboração refinada da estilização dos temas do antigo testamento em Raimundo.

As raízes de brasilidade estiveram presentes no Resumo através do clássico Volpi, cuja abstração nos traz, na cor e nos elementos formais, a memória do ingenuíssimo festival do lazer interiorano. E ainda com Aldemir Martins e sua recriação dos heróis do sertão a montagem de uma visão da fauna e flora em desenho dos mais despojados e inventivos de nosso modernismo; Rubem Valentim, partindo para um construtivismo com bases na iconografia do candomblé e do substrato cultural afro-baiano; Tarsila do Amaral, instaurando o pau-brasil, o caipirismo em termos de bem dosada universalidade; Vicente do Rego Monteiro, registrando personagens e cores da cerâmica popular, sua ilusão visual de volume, com um plano arquitetônico de composição que se liga à mais antiga tradição mural da história da arte universal; Antônio Maia, criando um mundo de humor em cima dos temas do ex-voto, sua

RESUMO E CRIATIVIDADE

(Em 10 anos de Resumo 50 anos de arte brasileira)

WALMIR AYALA



Marcelo Grassmann



Milton Dacosta

religiosidade e clima de fatalismo; Humberto Espíndola, tratando da cultura bovina, e vinculando a ela todo o processo de envolvimento vital da sociedade do agreste, com os altares de pecúnia e os emblemas idólatras; João Camara, com uma pintura nova e vigorosa, retratando o herói do sertão, ligando-o aos protótipos humanos da história legendaria da civilização pré-colombiana, e as referências visuais dos primeiros passos da conquista espacial; Glauco Rodrigues, com uma revisão crítica do personagem tropicalista (selvático + urbano) numa pintura que se aproxima do realismo fotográfico e da fotomontagem; o muralismo social de Portinari e a paisagem brasileira filtrada por Guignard e por Pancetti (o montanhoso e a marinha insuperáveis).

Na categoria da escultura o Resumo expôs Bruno Giorgi, Lígia Clark, Maurício Salgueiro, Mário Cravo Jr., Sônia Ebling, Frans Weissmann, Agnaldo dos Santos, Toyota e Ascanio M.M.M., cobrindo uma área que vai da escultura primitiva ao objeto e escultura de participação.

O capítulo sumamente importante do construtivismo foi marcado nos 10 Resumos do JORNAL DO BRASIL, pela presença de Milton Dacosta, Volpi, Lígia Clark, Ivã Serra, Rubem Valentim, Joaquim Tenreiro, Frans Weissmann e Abelardo Zaluar, cada um dando um timbre pessoal a este voto do abstracionismo que se apóia na rigorosa estrutura, na geometria transcendente e altamente poética de propostas que vão do suporte arquitetônico às iconografias fetichistas.

A gravura compareceu às 10 edições do Resumo, através de trabalhos de Fayga Ostrower, grande prêmio internacional de gravura da Bienal de Veneza; Osvaldo Goeldi, um dos baluartes da nossa arte gráfica, mestre, criador, incentivador da gravura, responsável pelo grande prestígio e tradição da nossa gravura em madeira; Isabel Pons e o virtuosismo do metal, os novos xilogravadores Newton Cavalcanti e Vilma Martins; a visão fantástica da Darel Valença Lins e Marcelo Grassmann; a voltagem internacional de Artur Luis Pizza; a fatalidade gráfica de Farnese; os grandes cortes de Maria Bonomi; o visceral de Ana Bela Geiger; a pesquisa de relevo de José Lima; a xilo de Emanuel Araújo; a linha fantástica de Babinski; a inventiva jocosa de Roberto Magalhães e o trabalho discreto de Dora Basílio.



Fayga Ostrower

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara
DATA: 01/06/1972 AUTOR: Walmir Ayala
TÍTULO: Resumos de Arte - Resumo e Criatividade
ASSUNTO: 10 anos de Resumo com os nomes dos artistas de cada um dos Resumos - I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X

Walmir Ayala
do Resumos
de Criatividade
Resumo de História

instituto de arte

Conteúdo

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara
 DATA: 01/06/1972 AUTOR: Walmir Ayala *clássica*
 TÍTULO: Resumos de Arte - Resumo e *do, Resumos* Resumo de *Resumo de*
 ASSUNTO: 10 anos de Resumo com nomes dos arti
fas de cada um dos Resumos - I, II, III, IV, V, VI e X

Walmir Ayala
Resumo de

DEZ
ANOS
DE
RESUMO



Djanira

I
1963

Manabu Mabe
 Antônio Bandeira
 Frans Krajcberg
 Alfredo Volpi
 Bruno Giorgi
 Fayga Ostrower
 Djanira
 Milton Dacosta
 Iberê Camargo

Homenagens póstumas:
 Guignard
 Pancetti
 Portinari
 Segall

* * *

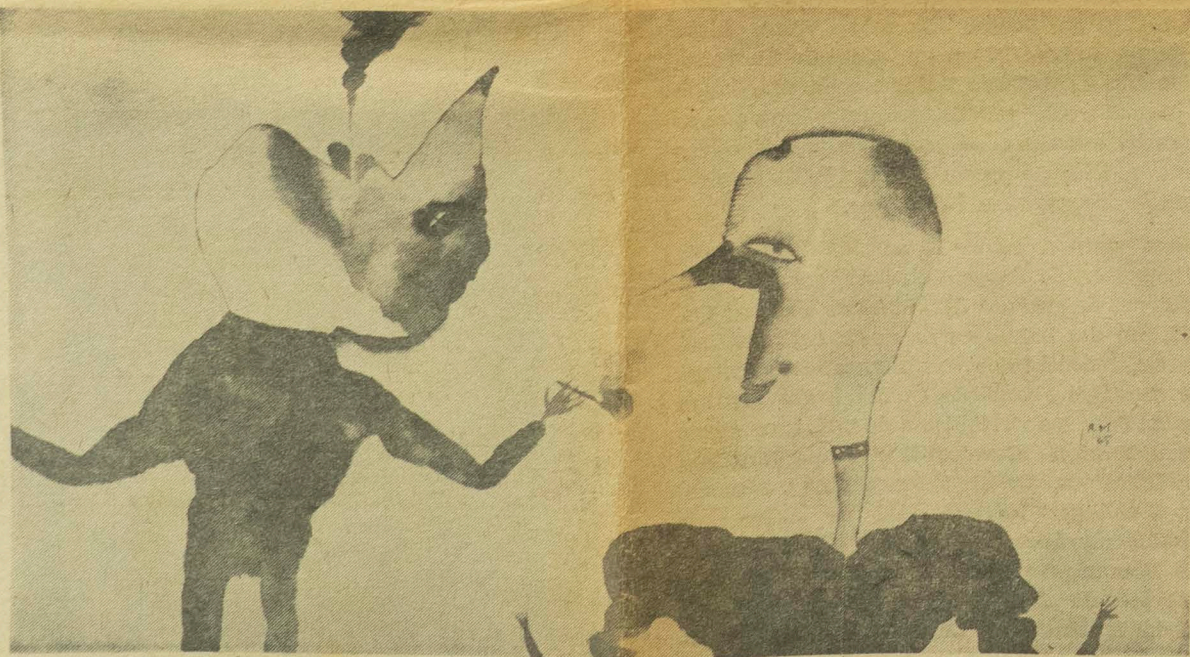


Solier

II
1964

María Leontina
 Flávio Shiro
 Ivã Freitas
 Emeric Marcier
 Carlos Scliar
 Lígia Clark
 Isabel Pons
 Newton Cavalcanti
 Augusto Rodrigues
 Darel Valença

* * *



Roberto Magalhães

III
1965

Di Cavalcanti
 Iolanda Mohalyi
 Antônio Dias
 Gastão Mancel Henrique
 Benjamim Silva
 Frank Schaeffer
 Ivã Serpa
 Babinski
 Géza Heller
 Roberto Magalhães
 Dora Basílio

* * *



Raimundo de Oliveira

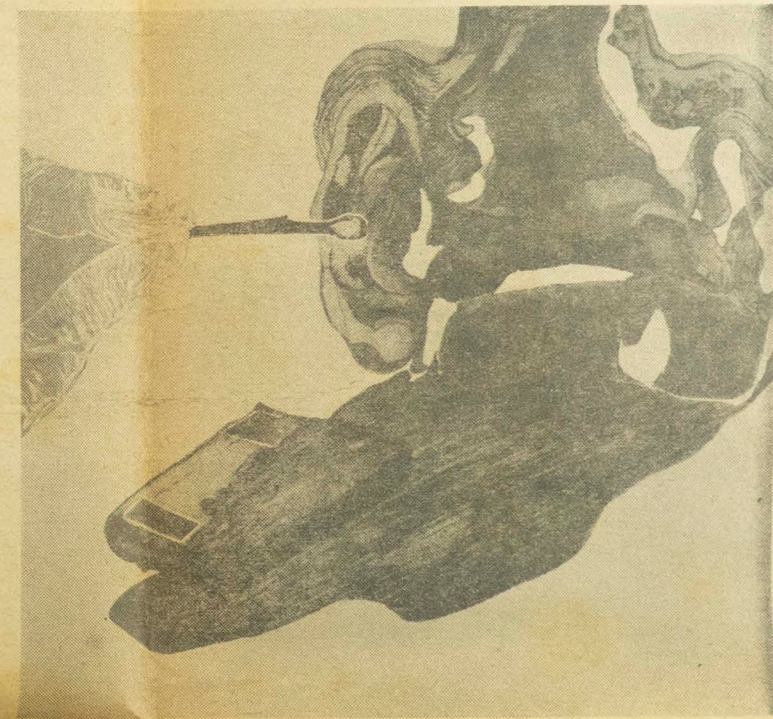
IV
1966

Abraham Palatnik
 Sérgio de Camargo
 Artur Luis Piza
 Rubens Gerchman
 Farnese de Andrade
 Ivã Serpa
 Frans Krajcberg
 Raimundo de Oliveira
 Ana Leticia

Homenagem póstuma:
 Agnaldo Santos



Aldemir Martins



Ana Bela Geiger

V
1967

Iberê Camargo
 Gastão Manoel Henrique
 Fayga Ostrower
 Maria Bonomi
 Mário Cravo Jr.
 Roberto Magalhães
 Carlos Scliar
 João Quaglia
 Farnese de Andrade
 Aldemir Martins

Homenagem póstuma:
 Ismael Néri

* * *



Lígia Clark

VI
1968

Ana Bela Geiger
 Antônio Dias
 Carlos Vergara
 Milton Dacosta
 Rubem Valentim
 Artur Luis Piza
 Marcelo Grassmann
 Newton Cavalcanti
 Vilma Martins
 Sônia Ebling
 Rubens Gerchman
 Dileni Campos

VII
1969

Ione Saldanha; Ivã Freitas; Ivã Serpa; Samson Flexor;
 Ana Leticia; Fayga Ostrower; Frans Krajcberg; José Lima;
 Darcilio Lima; Darel Valença; Farnese de Andrade;
 Lígia Clark; Hélio Eichbauer

Homenagem póstuma: Osvaldo Goeldi



Tarsila do Amaral

**VIII
1970**

Tarsila do Amaral; Emanuel Araújo; Ascanio M. M. M.; Humberto Espíndola; Toiota; Vanda Pimentel; Vicente do Rego Monteiro; Ubi Bava; Antônio Maia; Abelardo Zaluar; Amélia Toledo; Raimundo Colares; Carlos Vergara; Tomie Ohtake; Tomoshige Kusuno



Iberê Camargo

**IX
1971**

Renina Katz; Alfredo Volpi; Glauco Rodrigues; Franz Krajcberg; João Camara; Osmar Dillon; Iberê Camargo; Rubem Valentim; Marcelo Grassmann; Joaquim Tenreiro

**DEZ
ANOS
DE RESUMO**



Abraham Palatnik

**X
1972**

Fayga Ostrower; Maria Bonomi; Milton Dacosta; Isabel Pons; Ivã Serpa; Ione Saldanha; Abraham Palatnik; Frans Weissmann; Farnese de Andrade; Abelardo Zaluar; Yutaka Toiota